

JAMIE MCGUIRE

Beautiful
DISASTER
UM DESASTRE MARAVILHOSO

TRADUÇÃO

Maria das Mercês de Sousa

 Planeta

Índice

Capítulo 1 – Bandeira vermelha	11
Capítulo 2 – Porco	29
Capítulo 3 – Golpe baixo	47
Capítulo 4 – A aposta	61
Capítulo 5 – Parker Hayes	81
Capítulo 6 – Ponto de viragem	97
Capítulo 7 – Dezanove	113
Capítulo 8 – Boatos	123
Capítulo 9 – Promessa	139
Capítulo 10 – Sem expressão	155
Capítulo 11 – Ciúmes	171
Capítulo 12 – Duas prendas	189
Capítulo 13 14 – <i>Full house</i>	203
Capítulo 15 – A cidade do pecado	219
Capítulo 16 – Em casa	235
Capítulo 17 – Não, obrigada	249
Capítulo 18 – A caixa	267
Capítulo 19 – Hellerton	281
Capítulo 20 – A última dança	295
Capítulo 21 – Fumo	309
Capítulo 22 – A viagem	325
Epílogo	333

Para todos os que
me apoiaram na
concretização deste livro.

Capítulo 1

Bandeira vermelha

Tudo na sala me dizia que não devia estar ali: as escadas desengonçadas, a assistência turbulenta, o cheiro a suor, sangue e bolor, as vozes indistintas a gritar números e nomes e os braços esticados, trocando dinheiro e gestos para conseguirem comunicar acima do barulho. Esgueirei-me por entre a multidão, nos calcanhares da minha amiga.

– Cuidado com a carteira, Abby! – gritou-me America com um grande sorriso apesar da luz difusa.

– Não te afastes! Assim que começar, a coisa piora! – clamou também Shepley. America agarrou-lhe na mão e depois na minha enquanto ele nos guiava através do mar de gente.

Um som estranho sobressaltou-me. Dei um salto, olhei em volta e vi um homem em cima de uma cadeira com um maço de notas na mão e um megafone na outra.

– Bem-vindos ao banho de sangue! – gritou ele. – Se querem uma lição de economia... estão no filho da puta do sítio errado, meus amigos! Mas se procuram o Círculo, estão no sítio certo! O meu nome é Adam e as regras são feitas por mim. As apostas terminam assim que os lutadores entram no ringue; não podem tocar-lhes, não podem assisti-los, não podem alterar as apostas a meio e não podem invadir o ringue. Se quebrarem estas regras, levam um enxerto de porrada e são postos no olho da rua sem o vosso dinheiro, senhoras incluídas! Por isso, jui-zinho, pessoal!

Shepley abanou a cabeça.

– Atenção à língua, Adam! – berrou para o mestre de cerimónias, desaprovando a escolha de palavras do amigo.

O coração batia-me no peito. Com um casaco de malha cor-de-rosa e uns brincos de pérolas, sentia-me uma professora primária nas praias da Normandia; prometera a America que seria capaz de aguentar aquilo, mas apetecia-me agarrar-lhe no braço escanzelado com as duas mãos. Eu sabia que ela era incapaz de me pôr em perigo, mas aquela cave cheia de rapazes universitários sedentos de sangue e dinheiro enchia-me de medo.

Depois de ter conhecido Shepley na semana do caloiro, America costumava acompanhá-lo àquelas lutas secretas em caves sempre diferentes da Eastern University. O local era mantido em segredo até uma hora antes dos combates.

Como me dava com gente mais ou menos aborrecida, fiquei surpreendida ao tomar conhecimento de um mundo clandestino na Eastern. Shepley, porém, já o conhecia antes de entrar nele. Travis, seu primo e companheiro de quarto, entrara no seu primeiro combate sete meses antes e dizia-se que era o lutador mais letal desde que Adam criara o Círculo. Travis era imbatível. Os dois, Travis e Shepley, pagavam com facilidade a renda e as contas com o dinheiro dos prémios.

Adam levou mais uma vez o megafone à boca e a assistência entrou em delírio.

– Esta noite temos um novo lutador! Marek Young, a estrela do Oriente!

A multidão separou-se como o mar Vermelho quando Marek entrou na sala, assobiou, vaiou-o e insultou-o. O rapaz, muito sério, concentrado, saltou várias vezes, rodou a cabeça nos ombros, abriu e fechou a boca. Os gritos transformaram-se num rugido cavo e eu levei as mãos aos ouvidos quando a música, em altos berros, saiu dos altifalantes enormes.

– O próximo lutador não precisa de apresentações, mas como me mete um medo do caraças, vou apresentá-lo na mesma! Borrai-vos, senhoras e senhores, porque chegou a hora de Travis *Mad Dog* Maddox!

O volume da música explodiu. Travis apareceu em tronco nu, descontraído, e dirigiu-se para o centro do Círculo como se fosse para mais um dia de trabalho. Os músculos distenderam-se-lhe por baixo da pele

tatuada quando ele tocou nos punhos de Marek e lhe murmurou qualquer coisa ao ouvido. O outro não pareceu ficar afetado. Os dois, da mesma altura, fixaram-se. A expressão de Marek era assassina, enquanto a de Travis era divertida.

Os dois rapazes recuaram alguns passos e Adam deu o sinal. Marek pôs-se à defesa e Travis ao ataque. Às tantas perdi-os de vista, pus-me em bicos dos pés, inclinei-me para os lados para os ver melhor, levei cotoveladas, encontrões – parecia uma bola de pingue-pongue – e por fim avistei-lhes as cabeças e continuei a avançar.

Quando cheguei à primeira fila, Marek agarra em Travis e tentava atirá-lo ao chão. Este deu-lhe uma joelhada no rosto e, antes que o adversário se recompusesse, atirou-se a ele, esmurrando-lhe vezes sem conta o rosto ensanguentado.

Uma mão agarrou-me no braço e dei um salto.

– Que raio pensas que estás a fazer, Abby? – perguntou-me Shepley.

– Não consigo ver nada lá de trás! – gritei-lhe.

Virei-me a tempo de ver Marek a acertar um murro. Travis virou-se e por um momento pensei que fosse por causa do golpe, mas deu uma volta completa e atingiu o nariz de Marek com uma cotovelada. Fiquei com o rosto e o casaco cheios de sangue. Marek caiu no pavimento de cimento com um *tump* e por um breve momento o silêncio caiu sobre a cave.

Adam atirou um lenço encarnado sobre o corpo imóvel de Marek e a multidão explodiu. O dinheiro mudou de mãos mais uma vez. As expressões eram presunçosas e frustradas.

Comecei a ser empurrada sem destino. America chamou por mim, algures, mas eu estava hipnotizada pelo sangue que me enchia o casaco.

Um par de botas pretas apareceu na minha frente e olhei para cima: *jeans* manchados de sangue, tronco bem definido, peito tatuado, suado e, por fim, um par de olhos castanhos e quentes. Levei um empurrão e Travis agarrou-me antes que caísse.

– Ei! Para trás! – gritou de sobrolho franzido, empurrando quem fora contra mim. A expressão dura transformou-se num sorriso ao ver o sangue no meu casaco. Travis passou-me uma toalha pelo rosto. – Desculpa lá isso, *Pombinha*.

Adam deu-lhe um cachaço.

– Anda daí, *Mad Dog!* Tens o pessoal todo à tua espera!

– É pena o casaco. Fica-te bem – disse Travis, desaparecendo no meio dos fãs.

– Estavas a pensar em quê, minha idiota? – gritou-me America, puxando-me por um braço.

– Eu vim ver um combate, não vim? – perguntei-lhe a sorrir.

– Nem sequer devias estar aqui – ralhou-me Shepley.

– E a America também não – repliquei.

– Mas ela não tentou saltar para o Círculo – explicou de sobrolho franzido. – Vamos embora.

America sorriu e limpou-me o rosto.

– És mesmo uma chata, Abby. Adoro-te – disse, metendo o braço no meu e puxando-me pelas escadas acima, na direção da frescura da noite.



America entrou comigo no meu quarto e lançou um sorriso azedo a Kara, a minha companheira. Tirei imediatamente o casaco de malha e atirei-o para o cesto da roupa suja.

– Onde andaste? – perguntou, sentada na cama.

Olhei para America, que encolheu os ombros.

– Nariz a sangrar. Nunca viste um dos famosos narizes a sangrar da Abby? – Kara tirou os óculos e abanou a cabeça. – Fica descansada que ainda há-de ver. – America piscou-me o olho e saiu, fechando a porta. Menos de um minuto mais tarde o meu telemóvel começou a tocar. Como de costume, a minha amiga mandava-me uma mensagem segundos depois de se despedir.

Fico c shep ate amanha

Olhei para Kara, que olhava para mim como se o meu nariz fosse começar a pingar a qualquer momento.

– Ela estava a brincar – disse eu. A rapariga anuiu, indiferente, e virou a atenção para a confusão de livros em cima da cama. – Acho que vou

tomar um duche – acrescentei, pegando numa toalha e no saco do champô e do sabonete.

– Eu informo os média – replicou de cabeça baixa, a brincar.



No dia seguinte, Shepley, America e eu almoçámos juntos. A minha intenção era sentar-me sozinha, mas à medida que os alunos enchiam a cantina, as cadeiras à minha volta foram sendo ocupadas pelos irmãos da fraternidade de Shepley ou pelos jogadores da equipa de futebol. Alguns tinham assistido ao combate, mas nenhum falou da minha experiência.

– Shep – chamou uma voz de passagem.

Este anuiu, America e eu virámo-nos e vimos Travis a sentar-se à cabeceira da mesa, seguido por duas voluptuosas louras falsas com *T-shirts Sigma Kappa*. Uma delas sentou-se ao colo dele e outra mesmo ao lado, fazendo-lhe festas no braço.

– Acho que vou vomitar – murmurou America.

– Eu ouvi, trinca-espinhas – disse a loura ao colo de Travis.

America atirou-lhe o pão, falhando por pouco. Antes que a rapariga pudesse dizer fosse o que fosse, Travis abriu as pernas, deixando-a cair no chão.

– Au! – exclamou, olhando para ele.

– America é minha amiga. Arranja outro colo, Lex.

– Travis! – choramingou, pondo-se de pé.

Este virou a atenção para o prato, ignorando-a. A rapariga olhou para a irmã, bufou e saiu de mão dada com ela.

Travis piscou o olho a America e meteu uma garfada na boca como se não tivesse acontecido nada. Foi então que vi que ele tinha um pequeno corte na sobrancelha. Shepley e ele trocaram um olhar e começaram ambos a falar com os rapazes da equipa de futebol.

A cantina foi-se esvaziando, mas America, Shepley e eu ficámos a discutir os nossos planos para o fim de semana. Travis levantou-se para sair, mas parou ao pé de nós.

– O quê? – perguntou-lhe Shepley, levando a mão à orelha. Tentei ignorá-lo, mas quando levantei os olhos, ele olhava para mim.

– Tu conhece-la! É a melhor amiga de America. Estava connosco na outra noite – acrescentou.

O rapaz, que exsudava sexo e rebeldia com aqueles cabelos castanhos e aqueles braços tatuados, lançou-me um sorriso encantador e eu revirei os olhos.

– Desde quando tens uma melhor amiga, Mare? – perguntou Travis.

– Desde o primeiro ano – respondeu esta, sorrindo na minha direção.

– Não te lembras? Deste-lhe cabo do casaco.

– Eu dou cabo de muitos casacos – respondeu o rapaz com um sorriso.

– Que nojo – resmunguei.

Travis virou a cadeira vazia ao meu lado e sentou-se com os braços em cima do encosto.

– És a *Pombinha*, não és?

– Não – respondi em tom cortante. – Eu tenho nome.

Travis pareceu ficar divertido, o que me enfureceu ainda mais.

– Então? Qual é? – perguntou. Levei a última garfada de tarte de maçã à boca, ignorando-o. – Está bem, pronto, fica *Pombinha* – acrescentou, encolhendo os ombros.

Olhei para America e depois para ele.

– Estou a tentar comer.

– O meu nome é Travis. Travis Maddox – disse, aceitando o desafio.

– Eu sei quem és – retorqui.

– Sabes? – perguntou, erguendo a sobrancelha ferida.

– Não te armes em bom. É difícil não saber quando cinquenta bêbedos se põem a gritar-te o nome.

O rapaz endireitou-se na cadeira.

– Acontece-me muito isso. – Revirei os olhos e ele riu-se. – Tens algum tique?

– Um *quê*?

– Um tique. Estás sempre a revirar os olhos – respondeu, rindo-se de novo quando o olhei. – Espantosos, aliás – acrescentou, aproximando-se até ficar a centímetros de mim. – De que cor são? Cinzentos?

Olhei para o prato, deixando que os cabelos cor de caramelo me caíssem para o rosto, formando uma cortina entre mim e ele porque não gostava do que ele me fazia, porque não queria ser como as outras todas,

que coravam quando o viam. Aliás, não queria que ele me afetasse, fosse de que maneira fosse.

– Nem penses, Travis. Ela é como uma irmã para mim – avisou-o America.

– Agora é que ele não para mesmo, querida – disse Shepley.

– Tu não és o tipo dela – acrescentou a minha amiga.

Travis pareceu sentir-se insultado.

– Eu sou o tipo de todas! – Olhei para ele e sorri. – Ah, um sorriso. Afinal de contas não sou nenhum filho da mãe – acrescentou, piscando-me o olho. – Prazer em conhecer-te, *Pombinha* – concluiu, dando a volta à mesa e inclinando-se para America.

Shepley atirou-lhe uma batata frita.

– Tira a boca da orelha da minha miúda, Trav!

– Troca de informações! Troca de informações! – desculpou-se Travis, recuando com as mãos no ar num gesto de inocência.

Algumas raparigas seguiram-no, rindo e passando os dedos pelos cabelos para lhe chamar a atenção. Travis abriu-lhes a porta da cantina e elas quase guincharam, deliciosas.

America desatou a rir.

– Estás metida em sarilhos, Abby.

– O que disse ele? – inquiri, preocupada.

– Pediu-te que a levasses ao apartamento, não pediu? – perguntou-lhe Shepley. America anuiu e ele abanou a cabeça. – Tu és uma rapariga esperta, Abby. Por isso, aviso-te! Se as coisas derem para o torto, não deites as culpas para cima de mim ou da America, ouviste?

– Não te preocupes, Shep – respondi com um sorriso. – Achas-me com cara de *Barbie*?

– Ela não cai – tranquilizou-o America, tocando-lhe no braço.

– Não é a primeira vez que isto me acontece, Mare. Sabes quantas vezes ele me deu cabo da vida? De repente ninguém quer andar comigo porque é a mesma coisa que confraternizar com o inimigo. Estás avisada, Abby.

– Não é necessário, mas agradeço – repliquei com um sorriso tranquilizador, tentando compensar-lhe o pessimismo.

America e Shepley afastaram-se e eu fui para a aula da tarde, semi-cerrando os olhos por causa do sol. Eastern era o que eu esperava, desde

as salas de aula mais pequenas aos rostos estranhos. Um novo começo para mim. Por fim podia andar por onde quisesse sem ouvir os segredinhos dos que sabiam – ou pensavam que sabiam – coisas do meu passado. Era tão anónima como qualquer caloira. Ninguém olhava para mim, não ouvia rumores, ninguém tinha pena de mim, ninguém me julgava. As pessoas só viam a ilusão que eu queria que vissem: Abby Abernathy, uma rapariga ajuizada com a mania dos casacos de caxemira.

Pousei a mochila no chão, deixei-me cair na carteira, dobrei-me para tirar o computador do saco e, quando me endireitei, Travis sentava-se ao meu lado.

– Ótimo – comentou, mastigando a esferográfica e lançando-me um sorriso encantador. – Podes tomar notas por mim.

– Tu nem sequer pertences a este curso – disse-lhe com um olhar descontente.

– Quem te disse? Costumo sentar-me ali – retorquiu, apontando com um movimento de cabeça para a última fila, onde um pequeno grupo de raparigas olhava para mim. Reparei que entre elas havia uma carteira vazia.

– Eu não tomo notas por ti – repliquei, abrindo o computador.

Travis aproximou-se tanto que lhe senti o bafo na cara.

– Desculpa, mas... ofendi-te de alguma maneira? – Suspirei e abanei a cabeça. – Então qual é o problema?

– Eu não durmo contigo. É melhor desistires já – avisei-o em voz baixa.

– Eu não te perguntei se querias dormir comigo... – disse ele com um pequeno sorriso, olhando para o teto, pensativo – ... ou perguntei?

– Eu não sou uma daquelas tuas *Barbies* – continuei, apontando com a cabeça para as raparigas atrás de nós. – As tuas tatuagens, o teu encanto ou a tua indiferença não me impressionam. Por isso podes parar com as palhaçadas, está bem?

– Está bem, *Pombinha* – respondeu, indiferente à minha insolência.

– Por que não apareces logo à noite com a America? – Trocei do convite, mas ele aproximou-se. – Não estou a tentar engatar-te, só quero estar contigo.

– Engatar-me? Como te desenrascas a falar assim?

Travis desatou a rir, abanando a cabeça.

– Aparece, está bem? Juro-te que não tento nada.

O professor Chaney entrou e Travis virou a atenção para ele com um sorriso residual nos lábios, fazendo encolher a covinha do queixo. Quanto mais ele sorria mais eu queria odiá-lo, apesar de não conseguir.

– Quem me sabe dizer qual foi o presidente que casou com uma mulher vesga e feia? – perguntou Chaney.

– Aponta – murmurou-me Travis. – Vou precisar de saber isso quando começar a andar à procura de emprego.

– Chhh – disse eu, digitando cada palavra de Chaney.

Travis sorriu, descontraíu-se na carteira e passou a hora toda a bocejar ou a encostar-se ao meu braço para olhar para o monitor, brincando o tempo todo com a pulseira de couro que tinha no pulso. Entretanto eu tentava ignorá-lo, mas os músculos do braço dele, encostado ao meu, não me deixavam. Por fim a aula terminou.

Levantei-me e disparei porta fora, mas quando pensava que já estava longe, Travis Maddox apareceu ao meu lado.

– Pensaste no assunto? – perguntou, pondo os óculos de sol.

Uma morena baixinha apareceu na nossa frente de olhos muito abertos, cheia de esperança.

– Olá, Travis – cantou, brincando com os cabelos.

Costumava vê-la no Morgan Hall, o dormitório das raparigas, e julgava-a mais madura. Perguntei a mim mesma, contornando-a e continuando, se o tom de voz infantil atrairia Travis. A rapariga continuou no mesmo tom durante mais algum tempo, até que ele apareceu de novo ao meu lado.

Tirando um isqueiro da algibeira, Travis acendeu um cigarro e soprou uma espessa nuvem de fumo.

– Onde ia? Ah, sim... estavas a pensar.

– Estás a falar de quê? – perguntei-lhe com uma careta.

– Já pensaste em aparecer?

– Se te disser que sim, páras de me seguir?

– Páro – respondeu ele depois de pensar um momento.

– Então a resposta é sim.

– Quando?

Suspirei.

– Logo à noite.

Travis sorriu e parou.

– Bestial. Até logo, então, *Pombinha* – gritou-me.

Dobrei a esquina e vi America à porta do nosso dormitório ao lado de Finch. Acabámos os três à mesma mesa, na semana do caloiro, e eu percebi logo que ele seria a terceira roda da nossa máquina bem oleada. Finch não era muito alto, mas mesmo assim tinha mais uns bons centímetros do que eu, que tenho um metro e sessenta e cinco. Os olhos redondos compensavam-lhe as feições magras e os cabelos descoloridos caíam-lhe geralmente para a testa em forma de espigão.

– Travis Maddox? Livra, Abby, desde quando pescas em águas profundas? – perguntou-me com um olhar desaprovador.

America esticou a pastilha que tinha na boca.

– Só pioras as coisas se o afastares. Ele não está habituado a isso.

– Sugeres o quê? Que durma com ele?

– Poupavas tempo – respondeu ela, encolhendo os ombros.

– Disse-lhe que ia ao apartamento dele logo à noite. – Finch e America olharam um para o outro. – O que é? Ele prometeu deixar de me chatear se eu dissesse que sim. Tu também vais, não vais?

– Bem... vou – retorquiu America. – Tu vais mesmo?

Sorri e entrei no dormitório, perguntando a mim mesma se Travis cumpriria a promessa de não me tentar enganar. O tipo não era difícil de entender. Ou me achava um desafio ou pouco atraente e eu não sabia ao certo o que me irritava mais.



Quatro horas mais tarde America bateu-me à porta e quando saí para o corredor, não se conteve:

– Que nojo, Abby! Pareces uma sem-abrigo!

– Ótimo – respondi, sorrindo, com os cabelos empilhados no alto da cabeça, uns óculos pretos retangulares em vez das lentes de contato uma *T-shirt* maltrapilha, umas calças de fato de treino e umas chanatas nos pés. A ideia viera-me horas antes. Travis desligaria de imediato e pararia com as investidas ridículas.

America abriu a janela e cuspiu a pastilha.

– É demasiado óbvio. Já agora, por que não te esfregaste em merda de cão?

- Não estou interessada em impressionar seja quem for – disse eu.
- É evidente.

Estacionámos o carro e eu segui America pelas escadas acima. Shepley abriu a porta e desatou a rir.

- Que te aconteceu?

- Está a tentar ser banal – afirmou America, entrando no quarto do rapaz. A porta fechou-se e eu fiquei sozinha, sentindo-me deslocada. Sentei-me num sofá ao lado da porta e pontapeei as chanatas.

Esteticamente, o apartamento era mais agradável do que o normal. Lá estavam os previsíveis *posters* de mulheres nuas e os sinais de trânsito nas paredes, mas de resto estava tudo limpo. A mobília era nova e não cheirava a cerveja choca nem a roupa suja.

- Já eram horas de apareceres – proferiu Travis, deixando-se cair no sofá.

Sorri e empurrei os óculos para a testa, à espera que ele franzisse o sobrolho por causa da minha aparência.

- America teve de acabar um trabalho.

- Por falar em trabalho, já começaste o de História? – perguntou-me sem pestanejar perante os meus cabelos emaranhados.

- E tu? – perguntei-lhe, franzindo o sobrolho.

- Acabei-o esta tarde.

- Só é para a próxima quarta-feira – disse eu, surpreendida.

- Acabei-o agora mesmo. Foi fácil. No fim de contas era só um ensaio de duas páginas sobre Grant.

- Suponho que sou preguiçosa – repliquei, encolhendo os ombros.

- Se calhar só o faço no fim de semana.

- Se precisares de ajuda, diz.

Ergui uma sobrancelha.

- Tu, ajudares-me no meu trabalho?

- Tive um A nessa cadeira – respondeu, meio a sério meio a brincar.

- O tipo é um génio, tem As em todas as cadeiras. Odeio-o – proferiu Shepley, aparecendo com America pela mão.

- O que és? – perguntou Travis, levantando as sobrancelhas. - Achas que um tipo coberto de tatuagens e que ganha a vida à porrada não pode ter boas notas? Eu não vim para a universidade por não ter mais nada que fazer!

– Por que tens de andar à porrada, então? Por que não tentaste uma bolsa? – perguntei-lhe.

– Tentei e consegui metade, mas depois há os livros e as despesas. Estou a falar a sério, *Pombinha*. Se precisares de ajuda, diz.

– Eu não preciso da tua ajuda, posso muito bem fazer um trabalho – respondi, tentando encerrar o assunto, mas incapaz de esconder a curiosidade face àquela nova face. – Não és capaz de fazer outra coisa para viver? Menos... não sei... sádica?

Travis encolheu os ombros.

– É fácil e ganha-se bem. Não consigo o mesmo a trabalhar no centro comercial.

– Fácil não é, já que passas a vida a levar pancada.

– O quê? Estás preocupada comigo? – perguntou, pestanejando. Fiz uma careta e ele riu-se. – Não levo assim tanta. Se eles atacam, eu desvio-me. Não é muito difícil.

Desatei a rir.

– Dizes isso como se mais ninguém tivesse chegado à mesma conclusão.

– Quando dou um murro, eles tentam fazer a mesma coisa, mas isso não ganha combates.

Revirei os olhos.

– Não me digas que és o *Karaté Kid*! Onde aprendeste a lutar dessa maneira?

Shepley e America trocaram um olhar e eu percebi que tinha metido a pata na poça.

Travis, porém, não pareceu ficar afetado.

– Tive um pai com mau feitio e problemas de álcool e quatro irmãos mais velhos com os mesmos genes.

– Ah – repliquei, sentindo as orelhas a arder.

– Não precisas de ficar embaraçada, *Pombinha*. O meu pai deixou de beber e os meus irmãos cresceram.

– Eu não estou embaraçada. – Incomodada com os meus cabelos soltos, resolvi fazer outro coque, tentando ignorar o silêncio instalado.

– Gosto desse ar *au naturel*. Não aparecem aqui muitas miúdas assim.

– Vim porque fui quase coagida. Não me passou pela cabeça impressionar-te – repliquei, irritada por o meu plano ter falhado.

Travis sorriu, divertido e eu concentrei-me nos cabelos, tentando disfarçar o mal-estar. Não sabia como as raparigas se sentiam ao pé dele, mas vira a maneira como elas se comportavam e sentia-me desorientada. E quanto mais tentava sorrir mais perturbada ficava.

– Estou impressionado. Por norma não preciso de pedir às raparigas que venham ao meu apartamento.

– Acredito – retorqui com uma careta.

Era horrível falar com Travis. Não só o rapaz tinha consciência de que era atraente como estava habituado a que as mulheres se atirassem a ele, ao ponto de gostar do meu comportamento frio, em vez de o considerar um insulto. Tinha de alterar a minha estratégia.

America apontou o comando para o televisor e ligou-o.

– Esta noite dá um filme bom. Alguém está interessado em saber o que é feito de Baby Jane?

– Eu ia agora mesmo jantar – disse Travis, levantando-se. – Tens fome, *Pombinha*?

– Já comi – respondi.

– Ah, isso é que não comeste – disse America antes de se aperceber do erro. – Há... Ah, sim, esqueci-me que comeste uma... uma piza antes de sairmos.

Fiz-lhe uma careta e esperei pela reação de Travis.

O rapaz abriu a porta.

– Anda daí. Tens de estar com fome.

– Onde vais?

– Onde quiseres. Pode ser uma pizaria.

Olhei para a minha roupa.

– Não estou vestida para isso.

Travis olhou para mim e sorriu.

– Estás ótima. Vamos. Estou esfomeado.

Levantei-me, disse adeus a America, desci as escadas, saí e quando cheguei ao parque de estacionamento parei, horrorizada, ao vê-lo subir para uma moto preta.

– Há... – tartamudeei, esfregando os dedos dos pés uns nos outros.

Travis lançou-me um olhar impaciente.

– Anda lá! Não te preocupes que eu vou devagar.

– O que é isso? – perguntei-lhe, lendo demasiado tarde as letras no depósito de gasolina.

– Uma *Harley Night Rod*. O amor da minha vida. Não me risques a pintura quando montares.

– Eu estou de chanatas!

Travis olhou para mim como se eu acabasse de dizer aquilo numa língua estrangeira.

– E eu de botas. Sobe – acrescentou, pondo os óculos de sol. O motor rugiu quando o pôs a trabalhar. Subi e levei as mãos atrás para me agarrar a qualquer coisa, mas os dedos escorregaram no couro e foram parar ao plástico do farolim.

Travis agarrou-me nos pulsos, puxou-mos e vi-me abraçada a ele.

– Só te podes agarrar a mim, *Pombinha*. Não me largues – disse, acelerando e partindo como um foguete. Os cabelos começaram a bater-me no rosto e encolhi-me atrás dele, consciente de que acabaria com os óculos cheios de insetos esmagados se levantasse a cabeça.

Assim que paramos em frente do restaurante, desmontei sem perda de tempo para a segurança do cimento.

– És maluco!

Travis riu-se, pousando a moto no descanso lateral e desmontando.

– Não excedi o limite de velocidade!

– Se fosse uma *Autobahn*!¹ – disse, desfazendo o coque para tentar desembaraçar os cabelos.

Travis ficou a ver-me a afastar os cabelos do rosto por um momento e depois dirigiu-se para a porta, abrindo-a para me deixar passar.

– Eu não deixava que te acontecesse nada, *Pombinha*.

Passei por ele quase a correr, com a cabeça não muito bem sincronizada com os pés. Enquanto o seguia através do tapete encarnado cheio de migalhas de pão, aspirei o ar a cheirar a gordura e a ervas. Travis escolheu um reservado a um canto, longe de alguns grupos de estudantes e de algumas famílias e pediu duas cervejas. Olhei em volta, vendo alguns

¹ Autoestrada em alemão. Na Alemanha as autoestradas não têm limite de velocidade. (N. da T.)

pais a tentar obrigar os filhos barulhentos a comer e evitando os olhares indiscretos dos alunos da universidade.

– Olá, Travis – saudou a empregada, um pouco excitada, anotando o pedido das bebidas e afastando-se na direção da cozinha.

Prendi os cabelos atrás das orelhas, de súbito embaraçada com o meu aspeto.

– Vens aqui muitas vezes? – perguntei, algo mordaz.

Travis pousou os cotovelos em cima da mesa e fixou os olhos castanhos nos meus.

– Qual é o teu problema, *Pombinha*? Odeias os homens em geral ou só me odeias a mim?

– Acho que só te odeio a ti – resmunguei.

Ele riu-se, divertido.

– Não consigo perceber-te. És a primeira miúda que tem nojo de mim antes, sequer, de ter sexo comigo. Não coras quando falas comigo e não tentas chamar-me a atenção.

– Não se trata de nenhuma estratégia. Acontece que não gosto de ti.

– Se não gostasses não estavas aqui.

Desanuviei a testa sem querer e suspirei.

– Eu não disse que eras má pessoa, só não gosto que me consideres uma presa fácil. – Concentrei-me nos cristais de sal em cima da mesa e ouvi-o arquejar.

– Santo Deus! Tu és única! – disse ele, arregalando os olhos e desatando a rir. – Está bem, pronto. Amigos. Não aceito um não como resposta.

– Não me importo de ser tua amiga, desde que não estejas sempre a tentar saltar-me para as cuequinhas.

– Já percebi. Não vais dormir comigo. – Tentei não sorrir, mas não consegui. Os olhos dele cintilaram. – Tens a minha palavra. Nem sequer vou pensar nas tuas cuequinhas... a não ser que queiras.

Pus os cotovelos em cima da mesa.

– Está descansado que isso nunca vai acontecer. Somos amigos ou não?

– Nunca digas nunca – avisou, sorrindo e aproximando-se um pouco.

– Conta-me lá mas é a tua história. Foste sempre o Travis *Mad Dog* Maddox ou é só desde que vieste para aqui? – perguntei, usando os dedos para simular umas aspas ao dizer a alcunha.

Pela primeira vez, Travis pareceu menos confiante e até um pouco embaraçado.

– Não. Adam é que me pôs a alcunha depois do meu primeiro combate.

As respostas curtas dele começavam a irritar-me.

– Mais nada? Não vais dizer-me nada sobre ti próprio?

– Queres saber o quê?

– O normal. De onde és, o que queres ser quando cresceres... coisas assim.

– Nasci e fui criado aqui e estou a estudar Justiça Criminal.

Com um suspiro, Travis desembrulhou os talheres, colocou-os ao lado do prato e olhou por cima do ombro, tenso. A equipa de futebol da universidade, sentada em duas mesas, desatou a rir e ele pareceu ficar aborrecido.

– Estás a brincar – disse eu, incrédula.

– Não, sou mesmo daqui – replicou, distraído.

– Estou a falar do curso. Não parece nada aluno de Justiça Criminal.

Travis franziu o sobrolho.

– Porquê?

Olhei-lhe para as tatuagens.

– Diria que és mais só do tipo criminal.

– Nunca me meto em sarilhos... ou quase. O meu pai era muito exigente nesse ponto.

– E a tua mãe?

– Morreu quando eu era miúdo.

– La... lamento muito – repliquei, abanando a cabeça, apanhada desprevenida.

Travis afastou a minha simpatia com um gesto de desdém.

– Nem sequer me lembro dela. Os meus irmãos lembram-se, mas eu só tinha três anos quando ela morreu.

– Quatro irmãos, hem? Como te davas com eles?

– Como o costume. Os mais velhos batiam nos mais novos. Thomas, os gémeos... Taylor e Tyler, e Trenton. O que era preciso era não me deixar apanhar numa sala sozinho com Taylor e Ty. Foi com eles que aprendi metade do que faço no Círculo. Trenton, o mais pequeno, era muito rápido e continua a ser o único capaz de me dar um murro.

Abanei a cabeça, incrédula, pensando em cinco Travis a correr pela casa.

– Eles também têm tatuagens?

– Têm. Exceto Thomas, que é executivo na Califórnia.

– E o teu pai? Onde está ele?

– Anda por aí – respondeu Travis, cada vez mais irritado com a equipa de futebol.

– Eles estão a rir-se de quê? – perguntei, apontando com a cabeça para as duas mesas. Travis abanou a cabeça. Era evidente que não me queria dizer nada. Cruzei os braços e agitei-me na cadeira, nervosa. – Diz-me.

– Estão a rir-se por eu te ter convidado para jantar. Em geral não é coisa que eu faça.

– *Por me teres convidado para jantar?* – Travis até estremeceu. – E estava eu com medo que eles estivessem a rir-se por seres visto comigo vestida desta maneira e por pensarem que ia dormir contigo! – acrescentei sem pensar.

– Por que não havia de querer ser visto contigo?

– Estávamos a falar de quê? – interroguei-o, tentando evitar que o calor me subisse às faces.

– De ti. Qual é o teu curso? – inquiriu.

– Cultura Geral, por agora. Ainda não decidi, mas estou inclinada para a Contabilidade.

– Não és daqui, portanto. Deves ser um transplante.

– Wichita, tal como a America.

– Como vieste aqui parar?

– Precisava de me afastar – respondi, olhando para o rótulo da minha cerveja.

– De quê?

– Dos meus pais.

– Ah! E a America? Ela também tem problemas com os pais?

– Não. Mark e Pam são bestiais. Praticamente foram eles que me criaram. America colou-se a mim; não queria que eu viesse sozinha.

– E a Eastern porquê?

– Isto é algum interrogatório?

As perguntas começavam a tornar-se pessoais e eu começava a sentir-me desconfortável.

A equipa de futebol levantou-se e as cadeiras bateram umas nas outras. Os rapazes deixaram cair uma última piada e apressaram o passo quando Travis se levantou. Os de trás empurraram os da frente antes que fosse demasiado tarde. Travis sentou-se, afastando a frustração e a fúria.

Ergui uma sobrancelha.

– Ias dizer por que razão escolheste a Eastern – disse ele.

– É difícil explicar – repliquei, encolhendo os ombros. – Pareceu-me a escolha certa.

– Percebo o que queres dizer – respondeu com um sorriso, abrindo a ementa.